

O tamanho da desaceleração global

» ARMANDO CASTELAR

Professor da FGV Direito Rio e do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisador associado do Ibre/FGV

Certa vez, li em um artigo que os economistas, para serem respeitados por seus pares, precisam ser pessimistas. O autor do comentário é um economista otimista, que, por algum tempo, fez sucesso contrariando as previsões de que a alta na inflação derrubaria as Bolsas de Valores. No final, não deu certo, como mostram as últimas semanas de quedas sucessivas nos índices S&P 500, Nasdaq e Dow Jones. Este último, por sinal, já teve oito semanas consecutivas de resultados negativos, a maior sequência em quase um século.

O pessimismo segue dominante na profissão. Há, porém, uma mudança nos problemas que mais preocupam os economistas. Até recentemente, a novidade era a inflação alta, sempre surpreendendo para cima. A guerra na Ucrânia, claro, ajudou, pressionando os preços das commodities, já em alta com a retomada pós-pandemia. Com isso, caiu por terra o discurso da inflação transitória, que baixaria sozinha, que muitos bancos centrais (BCs) vinham adotando.

A preocupação com a inflação não desapareceu, mas deixou de ser polêmica, virou consenso, com os BCs, agora, subindo os juros e prometendo mais aperto, e por mais tempo, até trazer o custo de vida para a meta. A nova área de pessimismo agora diz respeito ao ritmo de crescimento econômico.

Que a economia vai desacelerar é consenso. No seu Panorama Econômico Global, do mês passado, o FMI cortou a projeção de crescimento mundial em 2022 e 2023 para 3,6%,

respectivamente 0,8 e 0,2 ponto percentual a menos do que previa antes. Essa taxa compara com alta 6,1%, em 2021, e uma média de 3,7% ao ano em 2010-19.

Mais preocupante, porém, é que boa parte da expansão este ano vem do bom desempenho na segunda metade de 2021, o chamado carregamento estatístico, e não da expansão da atividade este ano. Assim, o Fundo projeta que no último trimestre deste ano o PIB mundial esteja apenas 2,5% acima do observado ao final de 2021.

Provavelmente, porém, mesmo essa taxa mais baixa ainda superestima o crescimento mundial este ano, em que pese todo o ganho decorrente da normalização econômica, com o (quase) fim da pandemia na maioria dos países. Isso por vários fatores que vêm impactando as principais economias do mundo.

A Europa sofre com a forte escalada dos preços de energia, não só o petróleo, mas também o gás natural, insumo essencial para a geração elétrica e boa parte da indústria. Para as famílias, a alta reduz a renda disponível para o consumo de outros bens e serviços. Para as empresas, compromete a competitividade. Soma-se a isso a gradual retirada de estímulos monetários, com os juros voltando ao terreno positivo

até o final do ano, e fiscais, com os governos preocupados com todo aumento do endividamento público durante a pandemia. A própria guerra na Ucrânia, que não deve acabar tão cedo, prejudica o crescimento ao reduzir a confiança de empresas e consumidores.

Nos EUA, o Fed, o BC americano, já sinalizou que subirá bastante os juros neste ano e no próximo. Isso já impactou as taxas de mercado — o retorno dos títulos públicos de dois anos saltou de 0,2% para 2,6% ao ano nos últimos nove meses —, elevando o custo de capital das empresas. As taxas de juros em hipotecas também subiram bastante, com impactos negativos no mercado imobiliário, que vinha tendo ótimo desempenho. Além disso, a alta dos combustíveis reduz a renda disponível, enquanto a queda das Bolsas diminuiu a riqueza, nos dois casos, prejudicando o consumo de bens e serviços. Muitos analistas preveem que a economia americana entre em recessão na segunda metade de 2023.

A China, que já responde por quase um quinto do PIB mundial, está às voltas com a pandemia. A reação do governo chinês ao surgimento de novos casos é trancar as pessoas em casa, o que significa interromper a produção, o consumo etc. Isso tem, claro, pesado negativamente sobre a atividade econômica. Não há sinais de que tão cedo se verá uma solução para esse problema: agora que as coisas melhoram em Xangai, estão piorando em Pequim.

Muitos emergentes, em especial os que não produzem commodities, estão sofrendo com a piora do ambiente externo. Pesam aqui a alta dos preços do petróleo e dos alimentos, o fortalecimento do dólar, o crescimento mais lento da China e a perspectiva de juros mais altos nos EUA e na Europa. Não se pode descartar que alguns países com maior endividamento externo enfrentem crises no próximo ano e meio. Muito pessimismo? É possível. Mas que a situação está ficando mais complicada, está.



Preconceito etário

» JOSÉ CARLOS NASCIMENTO
Diretor de RH da IOB

Quando fazemos a pergunta “você tem preconceito com pessoas mais novas ou mais velhas?”, a maioria responde categoricamente que não. Muitas vezes, pode até parecer um questionamento estranho, porque estamos o tempo todo lidando com gente de várias idades. Mas, quando paramos para analisar as relações dentro das empresas, que reúnem gerações diferentes, alguns aspectos dessa questão vêm à tona.

Segundo pesquisa do Infojobs, 70% dos profissionais brasileiros acima dos 40 anos já sofreram preconceito por causa da idade. No mercado, ainda é normal encontrar organizações com políticas de aposentadoria compulsória para os cargos de CEO, por exemplo — normalmente, aos 62 anos. Ou seja, mesmo sendo comum, o preconceito etário ou etarismo ainda é pouco discutido.

Em muitos casos, esse conflito de gerações acontece de forma involuntária, são os vieses inconscientes — estereótipos que construímos a partir de experiências pessoais. Sabe aquelas atitudes preconceituosas que cometemos sem perceber? Por exemplo, quando sugerimos, mesmo que de brincadeira, que o estagiário faça o café ou ignoramos as sugestões de um colega mais velho. Ambos demonstram que temos dificuldades em lidar com pessoas de diferentes idades, seja porque “aprendemos” que os jovens são pouco responsáveis para desempenharem tarefas complexas, seja porque os velhos só têm ideias ultrapassadas.

Recentemente, uma onda de brincadeiras dominou a internet sobre o que a geração Z considera “cringe” (em tradução livre, algo como mico ou cafona) nos millennials. A atitude

levantou mais uma vez a importância de falarmos sobre isso no ambiente corporativo. Afinal, à medida que a expectativa de vida aumenta, as pessoas seguem profissionalmente e economicamente ativas por mais tempo. Por seu lado, as novas gerações chegam ao mercado de trabalho e, nesse contexto, se torna inevitável tratar o tema sob a ótica da gestão de pessoas.

Observe: atualmente, temos quatro gerações dentro das empresas: os baby boomers, nascidos entre 1946 e 1964; a geração X, de 1965 a 1979; a geração Y ou os millennials, de 1980 a 1994; e a geração Z, que é formada por quem nasceu entre 1995 e 2010. São pessoas que cresceram em contextos econômicos, culturais e sociais diferentes trabalhando em prol de uma mesma organização. E como ter uma cultura empática que acolha essa diversidade?

Diante desse desafio, cabe ao RH, primeiro, conscientizar os líderes sobre a importância do tema e, depois, ajudá-los a lidar com a heterogeneidade dos seus times para fazer com que todos se sintam parte do todo. Cabe à empresa investir para que os gestores tenham o apoio necessário para se desenvolverem como líderes. Apostando no aprimoramento, principalmente das suas soft skills e buscando além da criação de programas corporativos para promover a evolução cultural, incorporar a discussão na rotina da liderança.

Tudo isso só é possível acontecer se passar genuinamente pela cultura organizacional. É um trabalho de construção diária para promover o respeito pela diversidade, seja ela qual for. A verdade é que não adianta colocar uma plaquinha na empresa escrito “atuamos em

prol da diversidade”, se isso não acontece na prática cultural. O RH tem o papel crucial para fazer com que essa transformação flua na empresa, abrindo portas para inúmeras oportunidades. É incrível trabalhar em um ambiente em que você vê pessoas de diferentes faixas etárias aprendendo umas com as outras. Afinal, um profissional de 70 anos tem muito a ensinar para outro com seus 20 e poucos e vice versa.

As empresas só têm a ganhar unindo profissionais de todas as idades. O capital intelectual é formado em anos de estudos e vivências e, com isso, os mais velhos, normalmente, tendem a ser mais responsáveis e focados, características que ajudam na troca com os mais novos. Já os jovens, além de aprenderem, também podem ensinar, trazendo ideias novas e uma perspectiva diferente da vida.

As diferenças geracionais sempre existiram e sempre vão existir. O ponto aqui não é eliminá-las, mas trabalhar para que os aspectos positivos dessas diferenças favoreçam o desenvolvimento de todos os envolvidos, criando um ambiente de fato inclusivo, que respeite as individualidades de cada faixa etária e combata os conflitos geracionais.

Em poucos anos, teremos uma nova geração no mercado de trabalho — a Alpha, formada pelos nascidos a partir de 2010 — e, sem dúvida, ela vai trazer novos desafios para as empresas. E como se preparar para oferecer uma cultura mais acolhedora e tolerante, que abrace essa diversidade etária? A solução virá não só dos esforços do RH, mas da empresa toda agindo em prol de uma causa coletiva.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

É ou não é?

Nunca, em tempo algum, o Brasil, como o resto do mundo, teve tanta necessidade de conhecer ou até mesmo se aproximar da poderosa luz da verdade. O que nos parece, nesses tempos de niilismo extremado e de uma distopia generalizada, é que chegamos ao que muitos acreditam ser a porta de um apocalipse bíblico.

Vivemos um período muito peculiar, intensificado pela passagem simultânea de século e de milênio. De fato, o século XXI, teve sua inauguração, no folhetim das ações humanas, com os ataques às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, no dia 11 de setembro de 2001, numa espécie de revival anacrônico das antigas cruzadas.

Nada do que acontece hoje deve ser deixado de lado, sob pena de virmos a nos arrependermos depois. Pudéssemos ouvir o que conversam em particular, no recato do lar ou entre amigos de longa data, as autoridades e as elites deste país, por certo a maioria seria banida da vida pública ou presa e linchada em praça pública.

Repetia o filósofo de Mondubim *In vino veritas*, querendo com isso confirmar que, sob o efeito embriagador dessa bebida, o cérebro entorpecido pelas musas do álcool faz com que as travas na língua e a prudência verbal deixem de existir, despidendo o indivíduo de suas máscaras diárias.

A verdade vale por sua conveniência de momento. Os ministros do Supremo Tribunal Federal não tiveram receio ou pudor em usar as escutas telefônicas, feitas de modo ilegal, para ouvir as conversas entre o juiz Sérgio Moro e os procuradores, conversas essas totalmente normais entre envolvidos num caso tão rumoroso e delicado como foi a Lava-Jato, apenas para encontrar filigranas jurídicas por onde enveredaram seus pareceres para libertarem os padrinhos poderosos.

Nesse caso, as mentiras não estavam nos diálogos ouvidos, mas, sim, nas manobras por onde obtiveram a desculpa para anular a custosa operação. A verdade, assim como sua antípoda, a mentira, podem conduzir sobre suas costas a carga da conveniência ou seu oposto de acordo com interesses de cada grupo e em certas ocasiões.

Assim é que, em nosso tempo, em que vamos erguendo essa Torre de Babel moderna, verdade e mentira se misturam ao gosto do freguês, criando o que já chamam de pós-verdade. São as chamadas mentiras sinceras ou verdades fictícias, tudo muito bem ajeitado e amarrado dentro do embrulho que passou a ser conhecido como a meta verdade, dentro desse mundo virtual em que vamos nos enfiando até o pescoço.

O trabalho em desembaraçar o ex-presidiário Lula das amarras da Justiça, depois de um caminho de provas, confissões de cúmplices e devolução real de grandes somas de dinheiro, é um exemplo dessa pós-verdade, construída dentro desse mundo virtual de aparências, onde o verdadeiro e o falso ganham o mesmo protagonismo e roupagem, transformando o que é, em o que não é.

Assim como a coragem humana, a verdade vai se exilando para longe, e hoje são raros os exemplos daqueles que defendem e lutam pela luz, já que a maioria prefere repousar sobre a sombra da mentira. Não fosse por essas nuances singelas entre os padrões modernos a classificar verdade e mentira, pouco ou nada haveria o que comentar.

Ocorre é que existe exatamente entre essas tênues variações todo um conjunto de realidades que vai afetando nosso cotidiano, colocando-nos num mundo de incertezas e dúvidas, em que os honestos e éticos vão se assemelhando aos criminosos, sendo as virtudes iguais aos vícios, com o homem de bem se envergonhando de seu comportamento, considerado hoje conservador e ultrapassado.

Mesmo o combate às chamadas fake news e sua coirmã representada pelo controle da mídia, defendido justamente pela alma mais mentirosa deste país e seu grupo, encastelado nas altas cortes, entra nesse “novilíssimo” processo de falsa purificação, não por uma busca e sede de verdade, mas por estratégias políticas que visam manter essa confusão em que as línguas foram costuradas com arames e nin-guém já não se entende.

O fato é que ao acenderem as luzes sobre as leis. Haverá de ficar claro para todos que não se faz e não se opera justiça alguma sobre um mar de mentiras. É ou não é?

» A frase que foi pronunciada “No Brasil, quem tem ética parece anormal.”

Mário Covas

Diário de Brasília

» Café, leite, pão quente, manteiga e jornal. Era esse o pensamento de Geraldo Vasconcelos quando capitaneou o lançamento do *Diário de Brasília*, em 1º de Maio de 1972. A notícia vinha com o primeiro alimento da manhã. Para o corpo e para as tomadas de decisão. Veja a foto do jornal no *Blog do Ari Cunha*.

Corpo

» Participaram do *Diário de Brasília* Antônio Carlos Elizeide Osório, vice-presidente do jornal e primeiro advogado de Brasília; José de Ribamar Oliveira Costa, diretor financeiro; Ivo Borges de Lima, diretor comercial; Oswaldo Almeida Fischer, escritor; Wilson Menezes Pedrosa, diretor de impressão, que foi também diretor da gráfica do Senado; José Carlos Vasconcelos, integrante da equipe da gráfica; Nuevo Baby, redator-chefe; e Maria Julia Ludovico, secretária executiva da diretoria. Também colaboraram os jornalistas José Wilson Ibiapina, Fernando César Mesquita e Paulo Fona.

» História de Brasília

O governo anunciou, há três meses, a diminuição do preço do gás engarrafado. Anunciou certamente sem saber o que estava prometendo, porque veio, agora, um aumento de uma violência sem paradeiro. (Publicada em 01.03.1962)